

O PANORAMA.

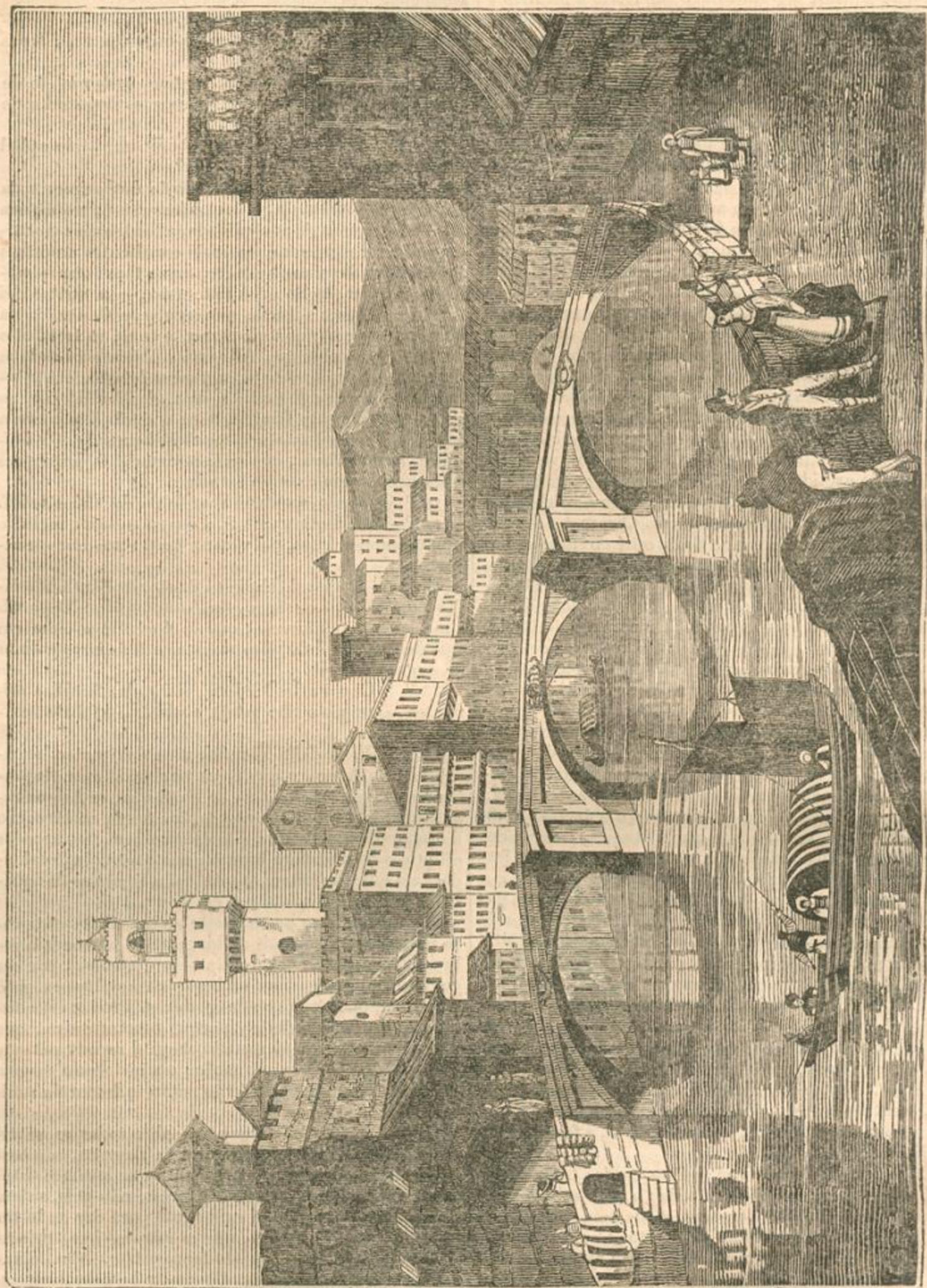
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

34.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. DEZEMBRO 23, 1837.



FLORENÇA DO LADO DO ARNO.

FLORENÇA.

SITUAÇÃO — EDIFÍCIOS NOTÁVEIS — HOMENS CELEBRES — ESCOLA FLORENTINA.

DIZEM que Florença deriva seu nome da grande copia de flores, que brotam nas suas visinhanças. Se esta etymologia é arbitraria, pelo menos não é disparatada, porque não ha campos mais vistosos, nem mais abundantes de jasmims, de arbustos florentes, e de pomares de cidreiras e lorangeiras, que embalsamam o ar com suas fragancias. Geralmente o territorio é fecundo e rico, e maior será a profusão dos fructos, e vegetaes, se não fossem as torrentes devastadoras, que á menor tempestade caem dos proximos Apenninos sobre as veigas, e o vento do sueste, chamado sirocco, que enfesa e cresta a vegetação, assim como prejudica a vida humana. Entretanto estes damnos são accidentaes, e passageiros; e os arredores de Florença, nas estações bonitas do anno, merecem bem o titulo que lhes dão de *jardim da Toscana*.

A cidade, edificada em ambas as margens do Arno, está á entrada do largo e fertil valle, que se estende até Pisa, e d'ahi para o mar. A estrada, ao longo do rio, entre estas duas cidades, apresenta uma serie de lindas e variadas vistas. Não admira que os italianos nasçam, por assim dizer, pintores e esculptores; a natureza lhes expoz á vista seus maravilhosos quadros, e as montanhas, que os circumdam, são todas de marmores, de alabastros, e de porphidos.

Florença é construida em fórma quasi oval, e terá 80:000 almas. As ruas são extremamente aceadas, os edificios magnificos, os palacios innumeraveis, e posto que d'um estilo carregado e severo, notaveis pela magestade e solidez da construcção, sendo os mais grandiosos levantados na idade media, como o celebre palacio Pitti, hoje *il Palazzo Ducale*. O caracter dos florentinos é affavel e urbano. Todas estas circumstancias reunidas n'uma cidade, onde se encontra tamanha copia d'obras primas das artes, situada em clima tão benigno, fizeram com que a formosa capital do grão-ducado de Toscana fosse canonizada a Athenas da Italia, e seja, á excepção de Roma, o ponto de maior concurrencia de estrangeiros nesta região da Europa.

Quando as artes expulsas da Grecia, sua brilhante patria, pela invasão dos barbaros, pediam asilo ás nações, que eram dignas de as conhecer, o generoso Cosme de Medicis as chamou a Florença, e lhes deu protecção e abrigo. Este principe, como Pisistrato, intentou dominar por meio da liberdade, e das artes, um povo que idolatrava estes preciosos objectos: se elle foi tyranno, como houve quem dissesse, pelo menos exercitou o seu dominio sem o ostentar, fez que as letras florescessem, restaurou as artes, firmou a paz; e a patria escreveu no seu tumulo o epitheto de pae da patria, próva de que não foi detestado. Os successores de Cosme herdaram o seu gosto, e d'ahi nasceu a multidão de monumentos publicos, que Florença deve á casa de Medicis. Entre elles merecem particular menção:

1.º A sé, ou templo de *Sancta Maria del Fiore*.— Miguel Angelo, que todos sabem é voto de grande peso na materia, dizia que a prodigiosa cúpula desta igreja, obra de Brunelleschi, podia igualar-se, mas não exceder-se. Nesta cathedral abundam maravilhas da arte, e entre muitas curiosidades se numera o maior instrumento d'astronomia, que se conhece, a famosa meridiana de Toscanelli.

2.º Ainda na mesma sé, o *Campanile*; torre colossal donde se avista Florença toda; o mais esplendido, adornado e bello dos campanarios, de uma architectura gothico-allemaã, e obra do Giotto. Carlos 5.º dizia que era peça que, a ser possivel, devia ser resguardada com um estojo. *Bello come il Campanile*; diz com emphase o povo de Florença.

3.º O Baptisterio, contiguo ao zimbório e ao campanile, e, como elles, desligado de outro qualquer edificio. Foi um templo dedicado a Marte, e hoje chama-se a igreja de S. João. Este monumento é celebre, sobre tudo por suas portas de bronze, que Miguel Angelo declarava *dignas de servirem de portas do Paraíso*.

4.º A Praça do Grão-Duque.

5.º O Palacio Velho, com sua torre, e o vastissimo salão onde o principe dá as suas funcções.

6.º O Palacio Ducal, enriquecido d'estatuas e pinturas dos melhores mestres, e adornado de bellissimos e grandiosos jardins.

7.º *La Loggia*, especie de portico, onde em dia de S. João vai o grão-duque ver passar os deputados de suas diferentes cidades.

8.º As Portas de S. Gallo; soberbo arco triumphal erecto em honra de Francisco 1.º

9.º A Galleria, famosa collecção dos primores da pintura, da estatuaria, e das outras artes; riquissima nas obras primas da antiguidade, e dos tempos modernos, deposito precioso das mais excellentes amostras dos talentos de todas as edades, e que tem sempre merecido a attenção do orbe litterario, e as visitas *dei amatori*. O vasto edificio, que occupa, está situado na margem septentrional do Arno, e toma os tres lados de uma praça oblonga. Alli está a *Niobe chorando os filhos*, o *hermaphrodito de marmore branco*, e a celeberrima *Venus de Praxiteles*, dita, *de Medicis*, porque a esta munificente familia deve o estabelecimento a sua creação. Emfim são tantos os milagres da arte reunidos, nesta galeria, que para enumerar os principaes seria preciso um extenso catalogo.

10.º O Museu, tambem abundante de curiosidades.

11.º A Bibliotheca de S. Lourenço, com mais de 4:000 manuscriptos, pela maior parte preciosos, e raros.

12.º As igrejas do Espirito Santo, de Santa Maria-Novella, de S. Lourenço, da Annunciada. Nesta ultima ha uma alampada, que os florentinos teem em grande estima; é de ouro maciço, e tem nove palmos de circumferencia.

13.º A Capella dos Medicis, jazigo das familias reinantes, que posto não esteja acabada, é fabrica primorosa.

14.º A *Ponte della Trinitá*, uma das quatro lançadas sobre o Arno, e que passa por modelo de elegancia no seu genero. É obra de Bartholomeu Ammannati, architecto de grande reputação. A sua construcção é d'um estilo particular, e sustenta-se em tres arcadas ellipticas de marmore branco: nas quatro extremidades tem sobre pedestaes as estatuas allegoricas das quatro estações. Completou-se em 1569.

A gravura, que precede este artigo, representa esta ponte, e mostra mais ao longe outra chamada a velha, *Ponte Vecchio*, que tambem é curiosa, por ser guarnecida de casas por ambos os parapeitos, excepto no centro, onde tem arcadas gothicas. Produz esta disposição um lindo effeito, porque o estrangeiro, que atravessa a ponte, só quando chega á arcada patente do meio conhece a sua situação; e a pittoresca magnificencia das margens do Arno então se desenrola subitamente á sua vista.

Se intentassemos alargar-nos sobre todas as particularidades, e bellezas da capital da Toscana, não bastaria o presente numero; porém o que levamos dito, sobre os objectos apontados, inda que não pela ordem da sua importancia, será sufficiente para dar ao leitor uma noção desta cidade, que os estrangeiros, principalmente os inglezes, muito frequentam. Não deixaremos todavia em silencio alguns dos homens illustres, que honraram Florença com o seu nascimento, e no-

ticiaremos brevemente a origem da celebre eschola florentina.

São filhos desta cidade: —

Americo Vesputio, sabio navegador, que não descobriu o Novo-Mundo, mas que lhe deu o nome; e morreu em 1516.

O historiador Guicciardini, que foi simultaneamente, habil advogado, grande diplomatico, e escriptor de nome. Falleceu em 1540.

Nicolau Machiavello. Póde ler-se a sua biographia a pag. 244, N.º 31, deste jornal.

Alberti, maquinista insigne, que alguns fazem filho de Bolonha. Contam delle empresas pasmosas, como o transporte de uma torre de sinos em peso, sem aprear os sinos, a distancia de 15 a 20 passos do local onde fôra construida. Floreceu no principio do 16.º seculo.

Galileu, que segundo Mr. Michaud, e outros escriptores, nascera em Pisa. E' bem conhecida a abjuração deste insigne mathematico, que teve de expiar nos carcerees inquisitoriaes a exposição do unico systema astronomico verdadeiro. Exemplo eterno dos attentados da ignorancia contra o talento! Um sobrinho deste sabio lançou no fogo alguns escriptos de seu tio para alcançar a absolvição do confessor. Galileu morreu em 1641.

Lulli, musico de alta reputação, que bem podemos chamar francez, pois que tanto contribuiu para a gloria do seculo de Luiz XIV. Grandes, como eram, os seus talentos, a posteridade decidiu que não precisavam delles para brilharem os versos de Quinault, como dissera o injusto Boileau.

O Dante — patriarcha da poesia italiana — tão conhecido por seus escriptos, como por seus infortunios. Abraçou o partido dos gibelinos, adverso aos papas. Sendo nomeado, em 1300, um dos oito *priori* de Florença, desagradou a uma das facções poderosas, que luctavam na sua patria, e então começaram as suas desventuras. Foi condemnado, e banido, arrasada a sua casa, e saqueados os seus bens. Passado muito tempo morreu miseravel em Ravenna. O principe desta cidade lhe fez magnificas exequias, e recitou o seu elogio funebre.

Da eschola de pintura florentina saiu tambem quantidade de homens illustres. Foi fundada no seculo duodecimo por Giunta, natural de Pisa, da mão do qual existe ainda um Christo na igreja *degli Angeli*. Vê-se neste quadro, apesar da sequidão do desenho, um estudo fiel do nú, uma expressão de dôr compungente, e as dobras na roupagem, superiores ás obras mercantis dos gregos ignorantes, vindos de Constantinopola á Italia. — Cimabue appareceu 50 annos depois, e de tal fórma celipsou o seu predecessor, que por muito tempo foi considerado unico no seu genero. Consultou melhor a natureza em suas imitações, e deu-se principalmente a variar as attitudes de suas figuras. Sobre tudo as cabeças de velhos, que desenhou, são de notavel acabamento; physionomias arrogantes, como o seculo em que pintou, mais parecem de semi-deuses que de homens. Não só foi grande pintor, mas tambem distincto architecto, e, á força de estudo, habil litterato. Carlos d'Anjou, irmão de S. Luiz, o visitou em sua officina, e lhe liberalisou altissimos elogios. Não se divisa porém em suas obras aquella harmonia da luz, e das sombras, que constitue o claro-escuro. Não tinha a menor idéa da perspectiva linear e aerea; porém estes defeitos, provindos da infancia da arte, são compensados por bellas da primeira ordem. Nada faz lembrar tanto as pinturas celebres da antiguidade como as de Cimabue. O seu talento póde reputar-se o anel da cadêa que prende a pintura antiga com a moderna. Cimabue ainda conseguiu outra glo-

ria, e foi a de descobrir um homem raro em um pobre guardador de gado. Giotto de Bondini desenhava em barro amollecido os seus bois, cães, e ovelhas, quando Cimabue o viu, e inquiriu, e o tomou por alumno. Giotto excedeu seu mestre, e ainda que ao principio tomou a maneira deste, isto é, um desenho e colorido seccos e asperos, e a disposição sem symmetria; foi pouco a pouco apurando o pincel, e em suas obras appareceu a graça e a harmonia; as suas linhas e contornos foram mais puros e graciosos, e o seu colorido mais vivo, mais verdadeiro, e ao mesmo passo mais suave. Teve numerosos discipulos, que desenvolveram a arte das faxas do berço, e applicando a geometria á pintura, fixaram a sciencia da perspectiva. Vieram depois Ghiberthi, Donatelli, Masaccio, e outros, até que subiu ao solio pontifical um homem ávido de gloria, e de nomeada. Sixto 4.º dado, desde a mocidade, aos estudos theologicos, conhecia as artes mui superficialmente; comtudo o seu espirito recto e claro lhe dizia incessantemente que só ellas eram capazes de transmittir ao futuro a sua memoria. Chamou á sua côrte os artistas mais afamados da Italia, e todos acodiram para pintar a capella de Sixto. Deste concurso inesperado data o lustre da eschola florentina. Leonardo de Vinci, homem de conhecimentos vastos, agradável não só pelas faculdades intellectuaes, como até pelos attractivos da presença e do corpo, abriu com estrondo esta segunda epocha. Tudo é bello, tudo é grandioso nas suas figuras e nos seus accessorios. Pintou com infinita elegancia, graça, e magestade.

Vinci teve excellentes discipulos, mas todos se eclipsaram diante de Miguel Angelo Buonarotti, como as estrellas em presença d'um meteoro resplandecente. Lourenço de Medicis deu impulso e protecção ao genio nascente deste homem raro, que foi ao mesmo tempo engenheiro, architecto, pintor, esculptor, litterato, e poeta. Morreu em 1564, de idade de 90 annos, honrado com os favores de todos os pontifices, e principes, que reinaram durante a sua vida. O seu desenho era varonil e correcto, o seu colorido vigoroso, ainda que um tanto secco; admiraveis a expressão e attitudes de suas personagens, e todo o seu estilo ressumbra vivacidade e arrogancia. Póde-se dizer que não meneou o lapis, ou o pincel, com sua pasmosa facilidade, sem produzir effeitos até alli desconhecidos na historia da arte. Todavia a pintura era um accessorio do seu immenso talento. Para se dedicar inteiramente a esta arte encantadora, foi preciso que o papa Clemente 7.º viesse em pessoa, acompanhado por doze cardeaes, á sua officina, arranca-lo á esculptura, sua especial favorita. Pintou então a capella sixtina, que é reputada, com justiça, uma das maravilhas da Italia.

Succederam-lhe outros muitos pintores de raro engenho; mas ultrapassou a todos il Rosso, pelo genio creador, unico que constitue o grande artista. Fechou este, para assim dizer, aquella serie immortal. O seu merecimento é reconhecido; cultivou tambem a poesia, a musica, e architectura. Francisco 1.º, de França, o honrou com muitos beneficios; e o museu do Louvre possui muitos dos seus quadros.

USO DA TURFA OU TURBA.

1.º

A FALTA de lenha que os moradores de tantas povoações de Portugal experimentam, nomeadamente na capital, onde faz com que suba ás vezes tanto o preço dos combustiveis, nos deve excitar a procurarmos um dos mais economicos meios, que a natureza nos offerece no nosso paiz, para substituir a lenha, e que

no resto da Europa se emprega, sobre tudo na Hollanda, na França, e na Allemanha. Este meio, que já por vezes tem sido apontado, consiste no uso da turfa, que é uma substancia de côr carregada e denegrida, embaciada, e bastantemente leve, formada de restos de plantas misturadas com terra, e já em parte decompostos, na qual muitas vezes se divisam os vegetaes que a produziram.

Nas Memorias Economicas da academia das sciencias de Lisboa foi já lembrado, pelo celebre naturalista Vandelli, que possuíamos este producto natural, o qual alli vem designado pelo nome de *turfa* ou *turba*, que se lê no titulo do nosso artigo. Da denominação de *turfa* se serve tambem outro socio da academia das sciencias [tom. 12.^o, part. 1.^a, das Mem.] em uma Memoria Geognostica dos arredores de Setubal. Os francezes chamam a esta substancia *tourbe*, e os Alemães *Torf*.

Depois da venda das lesirias do Tejo e Sado, começou-se a formar uma associação para, por via de um contracto com a direcção da sociedade das lesirias, explorar a turfa na *Comporta*, perto de Setubal. Não sabemos com individuação que motivos houvesse para se não pôr em practica uma tal empresa, que de certo fóra de grandissima utilidade publica.

A abundancia, que em alguns sitios ha deste combustivel, faz com que se deva ter em muita conta semelhante objecto, e se houve embaraços para se tentar extraí-lo na *Comporta*, onde se acharia abundantemente, não concorrerão as mesmas difficuldades para se buscar em outros logares do nosso paiz onde se possa encontrar.

As maiores e mais importantes porções da turfa se acham em camadas, de maior ou menor grossura, nos terrenos pantanosos, e até nos chãos enxutos, mas que foram já brejos, ou lagos de agoa doce. Aparecem estas camadas ás vezes nuas; outras vezes cubertas com um leito de arêa, ou de terra vegetal, leve, e communmente de poucos palmos de espessura.

Ha chãos de turfa de diversos tamanhos: depende isto principalmente da extensão que occupavam as aguas, onde existiam os vegetaes de que ella se formou. Estes chãos de turfa são, ás vezes, divididos em diversos leitos, por estreitos depositos de lodo, de arêa, e de conchas fluviaes.

Provém a turfa da alteração dos vegetaes accumulados, depois de terminada a sua existencia, no fundo dos lagos ou terrenos brejosos, misturados com o lodo, e estratificados com os limos e outras plantas aquaticas. Basta observar a densa e enraizada verdura, que cobre os chãos alagadiços, para comprehender a formação da turfa. As camadas de plantas augmentam annualmente de espessura, e por fim vem a ficar a uma grande distancia do chão, do qual as separam os seus proprios residuos. Agglomerações desta especie, submergidas, e entranhadas em um assentó terreo, deram certamente origem á turfa por via de uma decomposição lenta. Entretanto nem todos os pantanos a geram, o que parece mostrar que a sua produção depende de mais algumas circumstancias particulares.

E' mui facil a extracção da turfa. Como as suas camadas andam sempre á flor da terra, descobrem-se com leve trabalho, e tira-se a turfa, mais ou menos methodicamente.

Em qualquer banco de turfa as camadas inferiores são as de melhor qualidade, por serem formadas de vegetaes, quasi inteiramente transmudados. A turfa que se tira destas camadas é mais estimada, e procura-se com maior cuidado. As camadas superiores são muito fibrosas, e nellas se distingue ainda a mistura dos vegetaes. Arrancam-se estas camadas de cima com

uma pá ordinaria, e molda-se em grandes adobes que se seccam ao ar, ou ao sol. A turfa lodosa extrae-se por outro modo na França e na Allemanha. Quando, tiradas as camadas superiores, se chega ao deposito inferior, corta-se em cespedes com uma pá cortante chamada *lucheta*. Estes adobes, ou cespedes, são, da mesma fórma, seccos ao ar, ou ao sol. Quando a turfa está cuberta de agua servem-se de um instrumento, a que os francezes dão o nome de *drague*, semelhante áquelles com que se limpam os diques. A que se extrae muito molhada, seja em cespedes, seja em lodo, poe-se a escoar, n'um logar ladeirento, para que se torne compacta, e só depois se molda. Na Hollanda seguem um methodo particular, a descripção do qual se póde ver no tom. 34, pag. 225, dos Annaes de Chimica publicados em París.

A turfa, analysada, dá os mesmos productos que o pau, mas em proporções differentes. Moldada, como dissemos, é empregada immediatamente em muitos paizes. Dá algum trabalho a accender, mas depois arde bem, e até a grande chamma. Parece-se em tudo com as bólas de cisco que se usam em muitas cosinhas de Lisboa, e que são feitas com pó de carvão amassado com barro ou greda, mixtos que tambem entram na composição da turfa.

No que deve haver muito cuidado é em não guardar a turfa sem estar bem sêcca, e em não amontoar muita n'um deposito; porque em ambos os casos corre risco de se incendiar.

Tem este combustivel o inconveniente de exhalar, quando arde, um cheiro desagradavel. O remediar este defeito alcança-se com a boa construcção das fornalhas.

A turfa dá, como as bolas de cisco, uma temperatura uniforme, e não precisa de ser atigada.

Como adubo para as terras tem tambem a turfa grande valia. O Dr. Vandelli, no seu Diccionario dos Termos de Historia Natural [pag. 299] diz, que onde a houver, com ella se póde fertilisar o terreno. O seu uso, porém, neste mister, depende de certas circumstancias, que explicaremos em um artigo subsequente.

Os CEMITERIOS.

N'UMA tarde do passado outono, em que sosinhos visitavamos o cemiterio occidental de Lisboa, a solidão, no meio dos raros tumulos que alli se divisam, nos conduziu a uma serie de reflexões que poremos neste logar, por que as julgamos uteis, e proprias para melhorar a moral do povo.

Já no numero antecedente, tractando do uso das lousas como monumentos sepulchraes, louvámos a instituição de cemiterios publicos. A magestade da religião, a hygiene, e a decencia exigiam que os templos deixassem de ser o receptaculo dos cadaveres e dos vermes. O bom juizo do povo da capital, e ainda de outras cidades, recebeu esta innovação ou com applauso, ou, pelo menos, sem queixume. Desprendeuse o povo de uma superstição antiga e radicada, e conformou-se com a idéa de separar, morrendo, os seus restos dos restos de paes e parentes que descera já á terra, e que dormem seu ultimo somno debaixo das lagens da igreja calcadas pelos pés dos vivos. O povo das cidades sugeitou-se, sem murmurar, a estas mudanças, que contrariavam parte dos seus affectos, porque percebeu que nisto havia um progresso de civilisação; que nisto interessava o bem publico e a moral: — e este povo que fez isto, que sempre se mostra docil ás refórmas uteis, ainda as outras nações o accusam de ignorancia, de apego ás preoccupações, de aviltamento e de cegueira! — Que mal teremos nós feito á Europa para sermos tão barbaramente calumniados?

Antes de passarmos ás reflexões geraes sobre os cemiterios, faremos uma particular acerca daquelle que em nós as suscitou. O cemiterio occidental de Lisboa está assentado n'uma situação a que podemos chamar poetica: sobre uma pequena altura, d'alli se descobre para o lado do mar grande extensão de ceu, o sol o aquece ainda com seus ultimos raios, e a brisa fresca do norte o varre desimpedida: ondeado brandamente, o terreno contido no seu ambito, offerecerá um aspecto pittoresco, quando cuberto de monumentos, de arvores, e de flores; mas disto ainda elle está ermo, e de toda a herança dos mortos, de que o campo-sancto é o thesouro, ainda não recebeu porção abundante, senão de cadaveres e de lagrymas.

O sitio em que o cemiterio está collocado chamavase d'antes *Terras dos Prazeres*, nome que tomou de uma ermida, que, incluída no seu recinto, serve de deposito aos corpos dos mortos. D'ahi veio a este logar consagrado o titulo de *Cemiterio dos Prazeres*. Ha nestas duas palavras uma contradicção tão absurda, que tal denominação parece um escarneo, um epigramma insupportavel á cousa mais veneranda da terra, a jazida dos mortos. Quantas dôres, quantas saudades, quantas agonias e suspiros não teem pesado sobre este outeiro escaldado! — E o outeiro é o *cemiterio dos prazeres*! Sê-lo-ha para o mau filho, para o mau irmão, para o mau esposo; nunca para o homem honesto; para o que crê na virtude, e em Deus.

Nós desejaríamos que o povo nunca lhe desse este nome; porque com isso revela que não cura dos sentimentos intimos, que para elle o cemiterio é apenas um receptaculo de immundicies, e quando muito um passeio publico. Nesta denominação ha uma especie de linguagem de prostituição: ha uma falta de pudor publico, o qual realmente existe ainda no coração do povo. Aqui rirão os philosophos, [destes que nunca meditaram dez minutos a fio, e de que está inçada a sociedade] de nós darmos tanta importancia a duas palavras: a estes taes diríamos, se elles nos entendessem, que na linguagem do povo está a historia da sua intelligencia; da sua depravação ou da sua morigeração; e que, já que o pudor fugio do theatro, da litteratura, e muitas vezes das artes, que deixem ao menos que o povo o conserve nas suas expressões. Mas passemos ao objecto a que dedicámos este artigo.

Em quasi todo o reino os cemiterios estão estabelecidos; e se em algumas povoações o seu estabelecimento achou difficuldades, estas estão na maxima parte vencidas. Comtudo o espirito dos habitantes do campo não se afez ainda inteiramente a este uso. Cumpria que os parochos fizessem entender bem ás suas ovelhas, quão util, quão religioso era sepultar os mortos n'um logar a isto só consagrado; mas para os pastores podem com fructo trabalhar nesta parte do seu ministerio, é preciso que as auctoridades, a quem isso incumbe, destruam as causas de justa queixa, que o povo tem contra os novos cemiterios. Em varias parochias, ou por desleixo ou por pobreza, os campos dos mortos ainda não estão murados, e ha exemplos de terem os lobos ou os cães desenterrado de noite os cadaveres, achando-se estes pela manhã devorados. Isto offende em verdade a moral, e o povo é justo oppondo-se a uma cousa cujos resultados são tão maus; porém ninguem creia que se este escandalo se atalhasse elle não recebesse de boa mente a nova instituição. Desenganemo-nos que o povo só pensa mal quando não comprehende as cousas: quando elle as entende, e até onde as entende, a intelligencia mais habituada a pensar, não faz melhores raciocinios do que o bom juizo popular.

O que porém temos que lamentar é o descuido geral que tem havido em adornar estes logares sanctificados pela morte. Sobre tantos corpos que durante tres

annos nelles se têm sotterrado, bem poucas lapides se erguem; e em muitas sepulturas jazem paes de familia, a quem seus filhos nem sequer consagraram uma cruz de madeira, uma taboa escripta em que pedissem uma oração pelo extincto ao que por juncto della passasse! E' isto embrutecimento? — é isto corrupção de espirito? — Talvez ambas as cousas. Se nós tivéssemos de escolher um amigo, antes de dar entrada á amisade, iríamos ver se no cemiterio os restos de seu pae jaziam esquecidos; e se assim acontecesse, nunca seria juncto do nosso coração que bateria o seu.

A sepultura é a unica memoria perenne que deixamos na terra, porque um nome illustre são raros os que o deixam. Pede a sepultura do christão bem pouco: basta-lhe uma pedra humilde, sobre a qual os seus irmãos pelo Evangelho orem ao que tudo perdoa. Mas elle, como os outros homens, tem direito a ser lembrado, porque bem singular caso será o daquelle que passar neste mundo sem fazer uma boa acção, pela qual mereça que o seu nome seja por alguém recordado.

Estamos n'um seculo em que é moda tractar a sensibilidade como *sentimentalismo*, [palavra estranha á boa e severa lingua portugueza] e todos os sanctos affectos da alma como objecto de mófa: estamos n'um seculo em que só homem abalisado se reputa o que considera o seu semelhante unicamente como uma força motora para os trabalhos da industria, e que unicamente sabe achar o algarismo pelo qual é preciso multiplicar esta força para que seja igual á de um engenho de vapor, ou á de outra qualquer machina. Mas esta moda, que contradiz a consciencia, passará como as outras, e como um ingrediente venenoso e amargo, porém necessario para a civilisação, a qual, nós o cremos, como cremos em Deus, se converterá toda, algum dia, a melhorar o espirito humano. E' então que os abastados, e até os governos, facilitarão aos pobres os meios de consagrar aos entes que os deixaram na terra, uma pedra de campa, onde se gravem seus nomes.

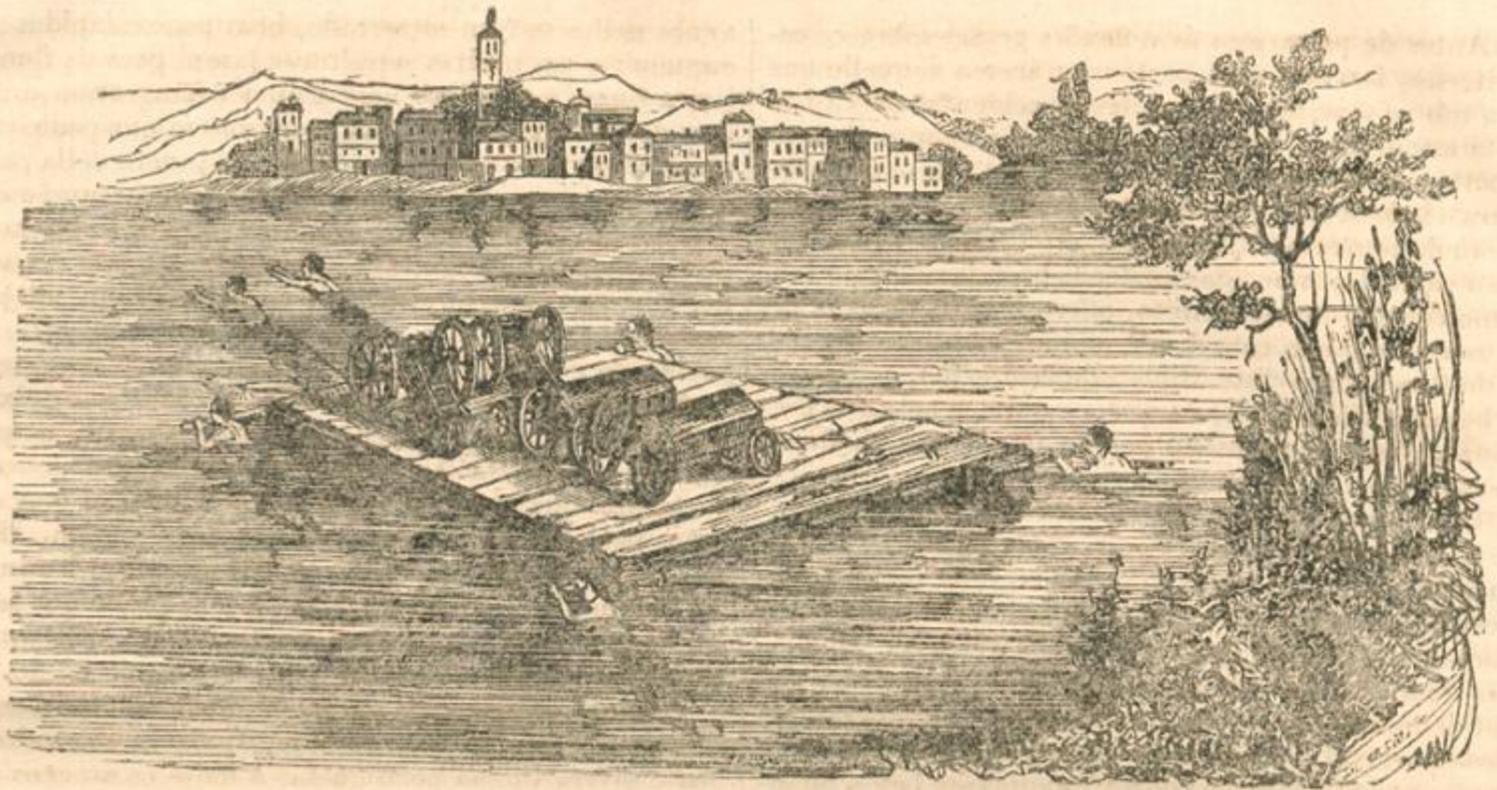
Guardámos para o fim deste artigo dizer algumas palavras sobre uma falta gravissima, commum em todos os nossos cemiterios, falta que immediatamente, em muitos delles, se podia e devia remediar. Fallámos da nudez completa em que se acham, até os de Lisboa, de toda a casta de arvores e arbustos; nudez que sem produzir uma suave melancholia, contrista o coração dos que visitam estes logares de repouso.

No interior das cidades construem-se e plantam-se jardins para espairecerem ociosos: adornam-se praças para colher approvação e louvores de viajantes, fazem-se tantas obras para recrear os olhos dos homens felizes, só o orpham e a viuva, emfim os desgraçados, não terão uma sombra, uma arvore, juncto da qual vão mitigar amarguras com lagrymas, vão affagar com gemidos as cinzas dos que perderam? — Não pedimos para estes privilegios, pedimos justiça igual. Nós a imploramos, em nome da desventura, áquelles a quem cabe distribui-la.

Pelo lado da hygiene publica é já vulgarmente sabido que as arvores servem para purificar o ar, e claro é que em parte nenhuma elle precisa de ser puro como nos cemiterios; e a est'outras considerações moraes, esta inteiramente material deve acrescentar grande força.

Talvez temos sido longos de mais nesta materia; mas aqui cerraremos o nosso discurso. Os que desejarem ampla instrucção sobre este objecto podem recorrer á excellente Memoria *sobre a inconveniencia dos enterros nas igrejas*, publicada no Porto em 1836, pelo Sr. Dr. Assis, lente da eschola cirurgica daquelle cidade.

Alli acharão tudo o que se póde dizer sobre as vantagens dos cemiterios publicos, e sobre a maneira de estabelecer e conservar estes.



JANGADA PARA TRANSPORTAR ARTILHERIA.

UTILIDADE DA NATAÇÃO NA ARTE DA GUERRA.

“A AGUA, no seu estado livre, nos seus movimentos naturaes, isto é, ou profunda, ou rapida, ou tranquilla, ou agitada, é um adversario formidavel, que é preciso combater, e vencer sob pena de morte. A lucta com este elemento é a natação. O nadar não é faculdade natural ao homem, que não recebeu do Creador o dom de nadar, como recebeu o de andar, e as aves o de voarem. Além disto, a estrutura e constituição do homem parece que o impedem de nadar, porque para este fim necessita tomar attitudes e posturas, que lhe são pouco naturaes: só com os auxilios da arte consegue elle, assim elevar-se aos ares, como guiar-se no meio das aguas.”

Tal é o preambulo de uma obra recente, publicada pelo visconde de Courtivron. [*] O auctor emprenheu a tarefa de mostrar a utilidade da natação; por quanto, depois da caça, fôra a primeira precisão dos homens primitivos. Privados do soccorro das pontes, ignorando a construcção de barcos, não conheciam outros meios de passar os rios caudaes senão atravessando-os a nado. De necessidade deviam recorrer a este unico expediente, por causa das frequentes inundações a que eram expostos certos paizes; pela pesca de que viviam algumas nações, e que então se fazia, colhendo o peixe á mão dentro d'agua; e tambem pelo uso universal de se banharem. Por isso vemos o exercicio da natação honrado entre os povos mais antigos, principalmente os que habitam á beira dos rios ou das praias do mar.

Todavia o fim principal do excellente livro de Mr. de Courtivron é provar a utilidade da natação applicada á arte militar; e para este effeito recopila grande numero de factos curiosos, entre os quaes escolhemos o seguinte. — “O bloqueio de Genova foi, pela sua importancia e pelas circumstancias que o acompanharam, um dos episodios mais interessantes das guerras da revolução. E' inexplicavel a extremidade a que a cidade se viu reduzida em Maio de 1800. De 60 barcas matadadas a França a buscar bastimentos, nem uma pôde escapar á vigilancia do cruzeiro. Todavia os officiaes, successivamente enviados para dar noticia da posição do exercito, não receavam affrontar os perigos da jornada para trazer as respostas de Bonaparte, e os avisos dos soccorros, tantas vezes promettidos, e com tanta impaciencia esperados. Entre elles sobresaie a intre-

pidez e ousadia do chefe d'esquadrão, Franceschi, que depois veio a ser um general benemerito. A 26 de Maio, tendo embarcado n'um batel só com tres remeiros, atravessou, com o auxilio da noite, o cruzeiro inglez, e chegou á linha de chalupas, mais proxima da praça, quando rompia o dia. Achou-se no meio da bahia, a uma legoa da praia, exposto ao fogo crusado das embarcações. Um dos remeiros foi morto, outro ferido, e não podia aquelle official evitar de ser aprisionado dentro do batel. Nesta extremidade, amarrou com um lenço os officios ao pescoço, despiu-se, e deitou-se a nado para a praia, mas lembrando-se que abandonára as suas armas, que seriam um tropheu em poder do inimigo, voltou a bordo, e de novo se deitou a nado com a espada segura nos dentes: teve que vencer um grande espaço, luctando teimosamente contra as vagas, mas conseguiu chegar salvo á praia, ainda que já quasi esgotado de forças.” Deste modo salvou a missão de que era incumbido, a sua liberdade, e a sua honra.

Mr. de Courtivron não se limita só a expender factos, mas querendo desenvolver practicamente o seu pensamento, construiu um modelo de jangada para o transporte d'artilheira em campanha, conduzida por soldados nadadores, como se vê na *vinheta* juncta. Até o presente quando se tem usado de jangadas para este fim, são encaminhadas por homens com remos e pás, e nunca sem muita fadiga, e bulha. Ora o meio certo d'evitar o estrondo é substituir com soldados nadadores os homens dos remos. Seis soldados, quatro aos angulos da jangada, e dois á frente, a conduzirão com facilidade, e em silencio, á margem que for designada segundo a oportunidade; dizemos *com facilidade*, porque é incrível quão pouca força se precisa para dar impulso n'agua aos corpos mais onerosos. A simples pressão do dedo do nadador basta para imprimir um leve movimento na viga mais pesada.

A jangada proposta pelo auctor é composta de quatro traves entalhadas pelas pontas umas nas outras formando um quadrilongo; o espaço intermedio cobre-se com pranchões fortes; e collocam-se na parte inferior dos angulos deste quadrilongo toneis ou pipas vasilhas cintadas com cortiça. Estas vasilhas sustentam a jangada, que pôde assim carregar enormes pesos. Por esta fórma os seis nadadores, que a farão mover por impulso manual, levam decedida vantagem a homens que é necessario collocar nas jangadas ordinarias; e os remos, e mais aparelho são inteiramente inuteis.

[*] Traité complet de natation. Essai sur son application á l'art de la guerre. 1 vol. in 8.^o

Mr. de Courtivron acaba assim. — “Officiaes engenheiros, a quem mostrei o meu modelo, lembraram-se de que certa quantidade de bexigas, postas á roda da machina, a pouca distancia umas das outras, lhe prestariam força prodigiosa para supportar grandes pesos. Adopto a sua opinião, e persuado-me que este methodo seria muito economico. Deixo aos engenheiros o cuidado de applicar as minhas idéas ás machinas, que será possível fazerem-se para o transporte d’artilheria. Procurei desempenhar a minha tarefa como nadador, offerecendo-lhe o meio de transportar as jangadas com mais segurança, e com tanta promptidão como pelo modo até agora em practica.”

SUPERSTIÇÕES DOS POVOS DA BAIXA-BRETANHA.

Povo mais supersticioso do que devoto chamou ao portuguez o auctor da historia da revolução que collocou no throno elrei D. João IV. Posto que não seja possível dissimular que entre nós existiram muitas superstições, e que ainda nos resta avultado numero d’ellas, que a lima do tempo e da instrução não tem podido gastar de todo, nós, que temos tomado a peito o combate-las, como se póde ver nos artigos de meteorologia, e em varios outros, e que talvez lhe façamos guerra mais encarnçada em um artigo especial, não consentiremos com tudo que d’aquella e d’outras asserções se conclua ás cegas ser a nossa nação das mais supersticiosas; e por isso offerecemos aos nossos leitores na seguinte descripção de varios costumes dos bretões, existentes ainda no presente seculo, um objecto de curiosidade, e um desaggravo das injurias que nos teem feito alguns escriptores estrangeiros.

Se o pão, bento na capella de S. Servais, eria bolor dentro do precioso relicario em que usam encerra-lo, se a rosa de Jerichó não desabrocha a corolla prophetica, e se acaso nas ruas da tenebrosa Morlaix se ouve rodar o carro a que chamam *Cariquel Ançou*, é infalível a morte de que estes signaes são presagios.

Tambem o será se os corvos adejarem por cima da casa d’alguem enfermo, por que estas aves de rapina teem um faro tão apurado, que presentem a morte d’alguem tres dias antes de acontecer.

Asseveraram-me alguns camponezes, diz Mr. de Marchangy, terem visto passar alta noite um carro cheio de defunctos: seguia-o uma procissão de finados armados de tochas, que se dirigiu á igreja onde um dos mortos tinha dicto missa. Durante o trajecto parou o carro á porta de tres casas, onde bateram tres pancadas, e de cada uma das tres casas morreu uma pessoa antes de findo o anno.

No dia d’anno bom costuma a gente de certas parochias lançar nas fontes tantos pedacinhos de pau quantas são as pessoas da familia, e creem conhecer, pela posição que tomam os madeiros ao de cima d’agua, os que hão de fallecer no decurso do anno. Sendo doente menino não fallecerá se o veu branco que a mae lança na fonte de Loguaoy aboiar sobre as suas aguas consoladoras.

Aquelle que, mesmo perfeitamente são, vir um medico em sonhos, fará bem em dictar o testamento. O não se fechar o olho esquerdo d’um defuncto ameaça de morte proxima algum seu parente.

Consulte-se o fumo do lar quando o moribundo estiver para exhalar o ultimo suspiro: se elle se elevar com facilidade subirá a alma facilmente para o ceu, porém se em espessos e negros redomoinhos voltar para baixo, espera o inferno mais um hospede.

As estrellas cadentes, ou exhalções, como o vulgo lhes chama, são almas que vão para o paraiso; se em quanto fazem a brilhante marcha, o christão que as

contempla tiver a presença de espirito necessaria para fazer um voto, elle será instantaneamente cumprido.

Quando alguem está a concluir mandam chamar o seu padrinho, e a madrinha, para que vejam morrer aquelle que viram nascer.

Teem por costume os bretões rezar certa oração para que o doente morra depressa, se não tiver de ficar bom, e para este fim mandam dizer uma missa, a que chamam do *Tépidu*, o que quer dizer — uma ou outra cousa.

Ha dioceses em que os doentes de perigo recebem todos os dias a extrema-unção até sararem ou morrerem. Um terror popular, alimentado por falsos doutores, e combatido em vão pela igreja, dissuade os christãos de recorrerem a este sacramento libertador em quanto lhes resta um vislumbre de esperanza. Julgam que quem recebeu a extrema-unção não póde, mesmo quando recobre a saude, comer carne, e andar descalço.

E’ quasi geral o uso de estenderem os que morrem sobre uma camada de cinzas, e de cobri-los com o ciclicio da penitencia, por ser este o estado em que o christão deve deixar o mundo d’onde muitas vezes, ainda o mais virtuoso, distraído da salvação por illusões seductoras, deve levar humilhada e confundida á presença do Eterno, uma alma transfuga das verdades celestes.

Em alguns logares limitam-se a traçar no peito do moribundo uma cruz de cinza benta, n’outros deitam-lhe em cima, por tres vezes, uma chuva de cinzas.

O que fallece sem haver feito testamento, é tido por um desesperado, — um ente proscripto da terra e do ceu. Esta crença erronea nasce principalmente de que, segundo uma antiga superstição, é olhada a morte repentina como um castigo com que Deus pune os grandes peccadores, e como os que soffriam morte subita falleciam quasi todos sem testamento, confundindo o vulgo o effeito com a causa, persuadiu-se de que não sómente a morte inopinada, mas tambem a falta de testamento, era um signal sobrenatural da reprovação. D’aqui vem dizerem de quem morre repentinamente — *que morre sem lingua*; d’aqui resulta igualmente o punirem a falta de testamento com a confiscação dos moveis, e com a pena nimiamente severa de negarem sepultura ao defuncto em chão sagrado.

Assim que alguem espira correm a despejar a agua dos vasos, que estão em casa, para que não aconteça que banhando-se n’elles a alma errante, beba alguma pessoa um trago dos seus peccados. Em fallecendo alguem, um homem vestido de roupas negras, sobre as quaes traz pintadas lagrimas e ossos encruzados, e coberto de uma mitra tambem funebre, gyra todos os bécos bradando que morreu fuão, e que tal dia será enterrado. Segue-o grande numero de meninos, que levam tochas, ou vão tangendo campainhas.

Vestem ao defuncto, se foi casado, a camisa do noivado; mas ah! a que fez out’ora palpitar o coração do amante já não póde reanimar um coração morto para sempre.

Se o morto é uma criança tiram-o pela janella, que não pela porta, porque se por desgraça fizessem o contrario as maes, que passassem pela porta aziaga, só teriam filhos mortos.

Os bretões, e outros muitos povos da França, julgam muito agradavel aos mortos a practica de lhes metterem nas mãos algumas moedas, e cordinhas cheias de nós. Os parentes e amigos, chorando em silencio, acompanham o ataúde. Nos funeraes de maior pompa vão quatro meninos, vestidos de tunicas brancas, e levam em uma das mãos uma tocha acceza, e na outra um brazeiro sobre o qual lançam incenso, e que depois é deitado na cova.

Não consentem os bretões que se empreguem caval-

los para puxar os carros em que vão defunctos : é forçoso que sejam bois ou eguas, e que nenhuma esteja prenhe. Julgar-se-iam infamados se recebessem o aluguel das bestas de carga, que houvessem emprestado para tão triste uso.

Se as eguas ou bois que puxam estes carros funebres param por acaso, esperam que lhes torne a vontade de se porem outra vez a caminho, guardando-se d'incita-los com a voz ou com o aguilhão, pois nunca deve haver pressa em chegar á ultima morada. Duram ás vezes dias inteiros estas paradas casuaes; entretanto sentam-se os do sabimento sobre as relvagens visinhas, ou ao abrigo dos densos vallados, e ahi discorrem ácerca das virtudes do defuncto, passando dos elogios sinceros aos gemidos e soluços. Se o caixão pára defronte d'alguma cruz, pregam na base desta outra cruzinha de madeira, ao que chamam *refrescar a devoção*, uso que herdaram dos celtas, os quaes cada vez que passavam por uma sepultura lhe deitavam em cima uma pedra, para que todas estas amontoadas, formassem com o correr dos tempos um monumento sepulchral.

Dado o morto á sepultura, vão para o banquete funebre, menos os velhos, que ficam no cemiterio, como para darem a idéa de que quem tão cedo tem de tornar para elle, não carece de ter o trabalho de sair do seu recinto. Sentados sobre as malvas das sepulturas propoem enigmas, porém a morte não revela a tremenda explicação do seu!

Em nenhum paiz da França ha mais espirito de familia do que na Bretanha. Alli o parentesco passa além do decimo segundo grau, e vai de geração em geração; por isso certas familias andam sempre de lucto, visto ser raro o mez em que não percam pelo menos um primo, e algumas vezes dois ou tres.

Não alliviam os parentes o lucto por espaço d'um anno inteiro, e longe de admittirem consolações, avivam, por todos os meios que uma ternura engenhosa lhes suggere, o pesar e a saudade. Durante os doze mezes das lagrimas estão cobertos os espelhos. E para que ha de a filha e a esposa querer realçar com o esmero das galas a belleza que já não póde captivar os olhos da mae, ou do esposo?

Tambem conservam os vasos em cima das mezas voltados com o fundo para o ar; as festas e os banquetes cessam inteiramente, e os moveis collocados em logares differentes dos que o defuncto lhes assignára, recordam aquelle que já não existe, cada vez que ha precisão d'algum utensilio.

Nem cabe tanto amor e saudade no curto espaço do anno do lucto: a magua destes corações contristados, saíndo fóra dos limites de tão estreito circulo, diffunde-se por todo o campo da existencia, e n'uma festa annual, consagrada á memoria dos mortos, são estes chamados ás suas moradas hereditarias com practicas terrissimas. Tão grande é o concurso dos que acodem á evocação, que segundo um proverbio de Morlaix, ha nesta occasião mais almas em cada casa do que folhas n'um caryalho, o que dá causa a não varrerem as casas no tempo de taes festas, por que fóra certamente uma impiedade *varrer os mortos*. A' roda da meza e do lar costumam pôr cadeiras, que ninguem occupa, por serem para os mortos, aos quaes os vivos dirigem a palavra, persuadidos de que elles, posto que invisiveis e mudos, estão com effeito alli sentados. Porém é nos cemiterios que estes encontros imaginarios illudem a ponto que os habitantes de Morlaix chegam a crer que ao menos um dia viveram com todas as gerações de seus ascendentes. Levam as familias os seus jantares para o campo da *grande assembléa*; suspende-se o lucto, por que cessa a ausencia, e a morte vencida em todos os pontos não retém debaixo das suas leis inflexiveis senão aquelles de que se esqueceram corações in-

gratos. Terminadas estas festas volve aos cemiterios a habitual taciturnidade, e os parentes quando voltam para casa creem que os finados os vão seguindo.

Os bretões conservam as cabeças dos seus parentes em preciosos relicarios, a que dão a figura de casinhas, e os depositam n'um logar bem visivel da igreja, ou no melhor sitio do cemiterio. Ha parochias onde se edificam capellas que não servem senão para receberem tão preciosos restos. Uma duzia de caveiras esculpidas em pedra, e mettidas em nichos exteriores, indicam ao passageiro estes ossarios.

Os nobres teem sepulturas nas capellas de seus palacios, ou nos carneiros das abbasias que fundaram, e das cathedraes que enriqueceram com seus donativos. Algumas vezes mettem-lhe nos tumulos vasos de brasas sobre que lançam perfumes. Muitas vezes os parentes do defuncto votam-lhe á memoria uma alampada perpetua, cuja fundação custa duzentos réis por anno.

Mas estes costumes, estacionarios tantos seculos, vão-se dissipando, graças aos progressos da civilisação, e a ignorancia, origem de tantas superstições, é hoje guerreada na Bretanha, diz o artigo de que extraímos este, por homens d'animo e de saber.

Montgolfier e o balão. — O celebre Montgolfier, inventor dos balões aerostaticos, tinha estreitas relações com os impressores de Avinhão, onde publicava os seus escriptos. Muitas vezes costumava ir hospedar-se, quando ahi ía, em casa da viuva Guichard, dona de uma typographia. Certo dia observou esta que do quarto de Montgolfier saía um fumo espesso: teve a curiosidade de ir ver o que era, e ficou espantada de ir dar com elle muito attento a encher uma especie de sacco de papel com o fumo de um esquentador. Montgolfier parecia estar quislado com o balão, que quando estava cheio de fumo, se erguia por um momento, e depois começava a bambalear de um para outro lado, de modo que elle se via na necessidade de segurar com uma das mãos o balão naquella postura que elle julgava mais conveniente para se encher, em quanto com a outra ía deitando palha molhada no esquentador; porque, como todos sabem, a principio julgava-se que o fumo, e não o ar rarefeito, era quem fazia subir os balões. A viuva Guichard, vendo a difficuldade em que o pobre physico laborava, lhe disse com a maior simplicidade: "Ora, com o que está! — Por que não prende o esquentador por debaixo do balão?" — Estas palavras foram um raio de luz para Montgolfier. Com effeito era nisto que estava o segredo: — a descoberta estava feita, logo que elle pendurasse do balão o esquentador.

A ignorancia. — Pouco depois de se ter introduzido a arte typographica em França, houve quem quizesse fazer imprimir em París os Elementos de Geometria de Euclides. Todos sabem que n'um livro como este entram toda a casta de circulos, de triangulos, e de linhas. Um dos officiaes que trabalhavam na typographia metteu-se-lhe em cabeça que o livro era cousa de bruxaria, e que todas aquellas garatujas só serviam para fazer apparecer o diabo, que podia arrebatá-lo quando menos o cuidasse. Insistia o dono da casa em querer a obra continuada; e o pobre parvo assentou de pedra e cal que queriam dar cabo delles: tal impressão lhe fez esta idéa, que, sem dar ouvidos a razões algumas, morreu de medo no fim de tres dias. — *Mercier.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.